

**VI Conferência Científica Internacional
de Projetos Educativos para Seniores - 2022**



LIVRO DE ACTAS / Minute book

Coordenação: Luis Jacob

RIPE 50 +

TÍTULO: Livro de actas do VI conferência científica internacional de projetos educativos para seniores - *Minute VI international scientific conference of educational projects for seniors*

COORDENADORES: Luis Jacob e Karina Flauzino – RUTIS/RIPE50+

EDIÇÃO: 1ª Edição, 123 páginas. Acessível em www.ripe50.org

RIPE 50+, Rede Mundial de Projetos Educativos para maiores de 50

EDITORA:

Euedito - Portugal
geral@euedito.com
www.euedito.com

VI CONFERÊNCIA: São Paulo / Brasil, 28 de Abril de 2022

ISBN: 978-989-9072-78-7

DEPÓSITO LEGAL: 504224/22

Impressão: Print On Demand Liberis

AVISO LEGAL: Este livro contém informações obtidas através de fontes autênticas. Foram efetuados esforços para publicar os dados e informações fiáveis, mas os coordenadores/editores, bem como a editora, não podem assumir a responsabilidade pela validade de todos os materiais ou pelas consequências do seu uso. Este livro, ou qualquer parte deste, não pode ser reproduzido ou transmitido por qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico ou suporte físico, incluindo fotocópias, microfilmagem, e gravação, ou por qualquer armazenamento de informações ou sistema de recuperação sem autorização prévia por escrito da RUTIS. Todos os direitos reservados. Autorização para fotocopiar itens para uso interno ou pessoal pode ser concedido por RUTIS. Aviso da marca comercial: Produto ou nomes de empresas podem ser marcas comerciais ou marcas comerciais registadas, e são usados somente para identificação e explicação, sem intenção de infringir.



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós

ÍNDICE

I – A COMUNICAÇÃO INTERGERACIONAL NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE por Fernando Pereira e Ana Maria Galvão	7
II – AFIRMAR OS PROJETOS EDUCATIVOS PARA SENIORES NUMA NOVA ORDEM GLOBAL por Sónia Galinha e Susana Duarte.....	18
III – AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA NA POPULAÇÃO IDOSA por Carlos Pires Magalhães e João Ricardo Miranda da Cruz	28
IV – DIGIT@LMENTE.FELIZ: LITERACIA DIGITAL E INOVAÇÃO NA PRESTAÇÃO DE CUIDADOS por Margarete Canas, Margarida Bastos, Sofia Estima e João Lima.....	42
V – ENVELHECIMENTO COGNITIVO: IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO! Por Carlos Pires Magalhães e João Ricardo Miranda da Cruz	46
VI - FORMAS PREFERENCIAIS DE APREENSÃO DA APRENDIZAGEM ENTRE PROFESSORES E FORMADORES por Luis Jacob	65
VII - IDOSOS ON-LINE: NOVOS FORMATOS PARA ATENDER A DEMANDA FRENTE À PANDEMIA DA COVID-19 por Lilian ourem Batista Vieira Cliquet, Samila Sathler Tavares Batistoni, Gabrielly Soares de Souza, Mateus Barbosa de Araujo Lopes, Beatriz Alonso, Ana Luísa Brandão, Christa Becaro, Meire Cachioni	76

I - A COMUNICAÇÃO INTERGERACIONAL NO CONTEXTO DA PÓS-MODERNIDADE

Fernando Pereira

Docente do Instituto Politécnico de Bragança. Investigador do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Ana Maria Galvão

Docente do Instituto Politécnico de Bragança; investigadora integrada da Unidade de investigação das ciências da saúde de Coimbra

Resumo

A pós-modernidade líquida, termo utilizado por Zygmunt Bauman, surge como uma nova configuração social caracterizada pela impermanência dos relacionamentos. Nestas sociedades líquidas, as relações humanas ficam abaladas e fragilizadas. Os relacionamentos interpessoais são substituídos por conexões, que, a qualquer momento, podem ser desfeitas. No mundo líquido-digital a comunicação atinge um potencial nunca antes observado-rápida, excessiva, imprevisível e por vezes, superficial, com vários espaços de (in)comunicação. A tecnologia ao serviço da comunicação líquida. Este artigo, trata duma abordagem reflexiva em torno das questões da comunicação e da comunicação intergeracional, na pós-modernidade, com realce nos aspetos que de facto, todos podemos fazer, sem grande esforço ou meios, para a melhorar.

Abstract

The liquid postmodernity, a term used by Zygmunt Bauman, appears as a new social configuration characterized by the impermanence of relationships. In these liquid societies, human relationships are shaken and weakened. Interpersonal relationships are replaced by connections, which, at any time, can be broken. In the liquid-digital

world, communication reaches a potential never before observed - fast, excessive, unpredictable and sometimes superficial, with several spaces of (in)communication. Technology at the service of liquid communication. This article deals with a reflective approach around the issues of communication and intergenerational communication, in post-modernity, with emphasis on aspects that, in fact, we can all do, without great effort or means, to improve it.

Introdução

*Comunicação líquida é clique, é laço.
Comunicação humana é toque, é vínculo
(Zygmunt Bauman, 1999).*

A pós-modernidade é definida como uma intensificação dos fenómenos tecnológicos, económicos, políticos, sociais e culturais da modernidade. Entre esses fenómenos, todos de grande alcance nos seus efeitos e consequências, alguns afetam diretamente a comunicação entre as pessoas e a interação social.

Na estratégia nacional para o envelhecimento ativo e saudável 2017-2025, são consideradas as condições de saúde como determinantes no envelhecimento ativo, contudo reforça-se a ideia de que a promoção do envelhecimento ativo não se restringe à promoção de comportamentos saudáveis, sendo essencial considerar os fatores ambientais e pessoais, como os determinantes económicos, sociais e culturais, o ambiente físico, o sistema de saúde, o sexo e outros determinantes. Os determinantes aqui mencionados vão ao encontro dos sistemas descritos por Bronfenbrenner, desde a família, a comunidade, a organização social e a cultura têm um marcado impacto na forma como se envelhece (Galvão & Gomes, 2021, p. 162).

Nesta conformidade, a comunicação intergeracional é alvo também das profundas alterações societárias, tais como: a multiplicação e diversificação dos interlocutores (contextos de socialização e projetos de vida); a diversificação das formas de comunicação (canais e códigos); a intensificação do ruído; a gestão dos silêncios; e a incerteza e ambiguidade das mensagens. As implicações da pós-modernidade no processo comunicacional são várias.

A primeira implicação trazida pela pós-modernidade ocorre com a multiplicação e diversificação dos interlocutores. De facto, cada um de nós está, de forma imediata ou mediata, permanentemente conectado a vários interlocutores. Devido a isto, por vezes, a interação e comunicação presencial é interrompida ou subalternizada pela comunicação mediatizada, como acontece, por exemplo, quando se interrompe uma conversa presencial para atender o telemóvel; ou quando conversamos, em simultâneo, com alguém que está presente e com alguém que está no Messenger na Internet; ou quando jantamos em família com o televisor ligado.

A segunda implicação consiste na diversificação das formas de comunicação, designadamente as suportadas pelas TIC, que potencia a intensidade da comunicação interpessoal, muito para além das formas de comunicação tradicionais. Todavia, a intensidade resulta mais da frequência da comunicação, com um ou vários interlocutores, do que da sua profundidade, entendendo-se como esta a oportunidade de partilha e compreensão do repertório simbólico (expressões, gestos, tonalidades de voz, emoções, etc.) de ambos os interlocutores. Um exemplo: a expressividade e carga emocional de um ícone expressivo do messenger não se equiparam às de uma carícia subtil, de um olhar fugidio, das palavras ouvidas, ou até de uma carta bem escrita. Phaneuf (2003) considera estas formas de comunicação como expressão singular da nossa humanidade, particularmente importante no cuidado de crianças e de idosos. Se a expressividade e a

emotividade se encontram assim cerceadas então muito naturalmente também a qualidade das relações sociais assim construídas é menor. Duas salvaguardas: uma, isto não invalida que se construam relações sociais profundas e frutuosas suportadas pelas TIC, há, seguramente, exemplos felizes e extremamente bonitos de relações construídas desta forma; segunda, as TIC podem complementar de forma preciosa as relações presenciais e nesse sentido a interação e comunicação tira imensos benefícios. Por fim, é óbvio que a comunicação eficaz só é possível se os interlocutores forem capazes de se adaptarem ao uso dos códigos e canais das TIC, o que nem sempre se verifica. Programas educacionais de utilização das TIC são úteis no sentido de mitigar os processos de infoexclusão.

A terceira implicação diz respeito ao ruído enquanto elemento do processo comunicacional, isto é, tudo aquilo que se interpõe e perturba a comunicação entre os interlocutores. Neste sentido o ruído não tem uma natureza estritamente acústica mas sim emana das diferenças socioculturais, etárias e de interesses e estilos de vida dos interlocutores. O stress da vida contemporânea, os inúmeros afazeres profissionais, a incrível oferta de oportunidades de ocupação do tempo das pessoas, a imensa divergência de gostos e de escolhas de vida, são fontes de ruído comunicacional, na medida em que competem pelo tempo e espaço para os momentos de comunicação interpessoal entre os indivíduos, diminuindo a qualidade desta.

A quarta implicação reside nas interpretações dos silêncios. Em qualquer processo comunicacional o silêncio (na sua forma de reserva de um dos interlocutores para um momento de reflexão) é um elemento comunicacional de enorme significado e eloquência. Nos processos comunicacionais tradicionais sobretudo os presenciais o silêncio sempre teve essa função e, portanto, não é um fenómeno comunicacional novo. Já o mesmo não se verifica necessariamente nos processos comunicacionais suportados pelas TIC. Neste, os

interlocutores podem, se assim o entenderem, estar sempre contactáveis (à distância de um clic ou de uma chamada por telemóvel) e assim comunicar de forma mais frequente. Quando o não fazem, e isso acontece muitas vezes e em muitas situações, os outros interlocutores podem interpretar isso, e muitas vezes interpretam, como uma rutura ou afastamento, ou até um castigo no caso de terem ocorrido desentendimentos nas relações pessoais. A ausência de mensagem quando a comunicação é possível e está tão facilitada é frequentemente interpretada como uma mensagem de sinal negativo. Isto pode ter efeitos devastadores nas relações entre as pessoas e pode constituir-se como um elemento de agravamento ou de rutura comunicacional.

Paradoxalmente, estes silêncios constituem-se assim como ruído comunicacional. Por último a mensagem. No contexto da pós-modernidade, no contexto da sociedade de risco como alguns autores relevam (Beck, 2000), sobrevêm uma grande ansiedade e ambiguidade sobre a natureza e substância da mensagem a trocar. O mundo gira (refiro-me aos fenómenos sociais e culturais que nele têm lugar) a uma velocidade muito superior à capacidade humana para conhecer e interiorizar esses fenómenos. O que parece certo hoje pode estar completamente errado amanhã. Um espaço de tempo de uma geração, em termos de interesses e estilos de vida, é bem maior agora do que há algumas décadas atrás. A resposta estará na salvaguarda dos valores fundamentais da humanidade, isto é, sem ser exaustivo, nos valores da natureza, liberdade, cidadania, cultura, ética, conhecimento e espiritualidade. Mas há uma questão subsequente incontornável que é a da adequação eficaz destes valores ao contexto da pós-modernidade. É que não interessa apenas comunicar por comunicar, trocar muitas mensagens, ter muitos “amigos” nas redes sociais, interessa que as mensagens partilhadas permitam o estabelecimento e manutenção de laços de afetividade coerentes,

saudáveis e duradouros. Entende-se que a comunicação exerce um papel estratégico de continuidade e ressignificação na sociedade.

Enfim, nos dias de hoje, os contextos de socialização nos quais são aprendidos papéis sociais essenciais de género, de parentesco, de profissionalidade, entre outros, encontram-se, para o bem e para o mal, altamente diversificados através destes processos de interação e comunicação. A construção de contextos mais favoráveis para os mais velhos requer mudanças, requer a adoção de modelos de cuidados integrais que vão ao encontro das necessidades reais dos mais velhos, permitindo-lhes o aproveitamento máximo das suas capacidades intrínsecas ao longo do processo de envelhecer. Um trajeto de vida mais longo e gratificante proporciona oportunidades de crescimento pessoal, de satisfação, de autorrealização e bem-estar geral (Galvão & Gomes, 2021).

Comunicação nas relações intergeracionais

Partindo do único pressuposto válido que é o da consideração do indivíduo ao longo de todo o ciclo de vida, então as alterações aos processos comunicacionais discutidas anteriormente afetam todas as pessoas em todas as idades. Como diz Giddens (2001), ninguém pode desligar-se completamente dos sistemas abstratos da modernidade tardia (ou da pós-modernidade). De facto, mesmo que um indivíduo, idoso ou não, decida, conscientemente, “desligar-se” do mundo, mesmo nessa condição, haveria de ter sempre consciência da sua opção, se mais não fosse ouviria sempre os silêncios e nesse sentido comunicava. Assim, importa relevar as particularidades dos processos comunicacionais que envolvem pessoas idosas sem, contudo, estigmatizar essas particularidades.

Os processos comunicacionais entre idosos e não idosos são afetados por todas as diferenças comunicacionais resultantes das diferenças geracionais. Os contextos de socialização, os interesses pessoais, os

estilos de vida, as competências (uso dos meios de comunicação, canais, códigos e mensagens) e as necessidades comunicacionais, todos, sem exceção, são afetados pelo passar do tempo, pela história, pela evolução civilizacional. Cada geração tem as suas escolhas, umas, conscientes, outras nem tanto, mas todas fruto do contexto de socialização que experienciaram. Por exemplo, faz pouco sentido esperar que uma criança da geração Millennium venha a escrever cartas de amigo, ou de amor, ou do que seja... Assim como serão raros os casos dos avós dessas crianças que sustentem as suas relações sociais nas redes sociais. Naturalmente, cada geração tem os seus meios comunicacionais preferidos. Isto introduz dificuldades no processo de comunicação enquanto elemento essencial ao estabelecimento e manutenção de laços de afetividade, todavia, de modo algum inviabiliza, ou pode servir de justificação para a rutura dos processos comunicacionais. Mais formas de comunicação apenas podem potencializar a comunicação entre as pessoas e nunca o inverso. O que é necessário fazer para melhorar a comunicação intergeracional? Do nosso ponto de vista várias coisas simples podem ser feitas. Vejamos.

Primeiro condição, as pessoas, nas suas vidas, têm de encontrar tempo e espaço para interagir. Na perspectiva interaccionista (Blumer, 1982) da construção social isto corresponde, tão só, ao simples ato de viver em sociedade, em que esta existe apenas na interação entre os atores sociais. Não há sociedade (grupos sociais, famílias, amigos, etc.), sem interação e, claro está, sem comunicação entre os elementos desses grupos sociais. Assim, nos nossos dias, os espaços de interação intergeracional tão profundamente mitigados têm de ser reconstruídos. Os pais têm de interagir com os filhos, os avós com os netos, os amigos com os amigos. É necessário que se partilhe a vida, nas suas dificuldades, aventuras, projetos, etc.

Segunda condição, compete ao estado e outros atores sociais com papel regulador ativo na organização e construção da sociedade promover os espaços de interação entre as pessoas. As regras de organização do trabalho, a adequação dos currículos escolares, a promoção do desporto e das atividades culturais, entre outras, são espaços e tempos que devem ter interiorizado nos seus procedimentos, quer a noção das dificuldades e obstáculos atuais na comunicação intergeracional, quer o objetivo e os meios de promover essa comunicação. Não é preciso fazer leis e decretos-lei que obriguem à interação intergeracional. Isso que iria resolver o problema: É preciso, isso sim, que essa prática integre, naturalmente, as atividades quotidianas de todos os cidadãos. É preciso fazer compreender às pessoas, a todas as pessoas em todas as idades, que o mundo gira muito depressa, que as solicitações profissionais e pessoais são, de facto, muitas e válidas, mas que jamais se podem sobrepor aos mecanismos essenciais da socialização humana. Interagir, comunicar, partilhar os símbolos e signos do mundo, são tarefas ontológicas absolutamente incontornáveis. Por isso devem ser sempre salvaguardadas.

Terceira condição, as gerações intermédias, referimo-nos aos adultos em idade ativa com filhos e ainda com os seus pais, têm de estabelecer a ponte intergeracional. É bem verdade que essa geração se encontra frequentemente açambarcada pelos seus afazeres profissionais, mas também é verdade que são estas pessoas que estão mais próximas, porque equidistantes, para promoverem a comunicação intergeracional. Está reservada às gerações intermédias dois momentos de intervenção: por um lado, enquanto cidadãos, devem pugnar pelos objetivos referidos no ponto anterior; por outro lado, a nível pessoal, devem adotar nas suas vias pessoais e familiares boas práticas de convívio intergeracional.

Quarta condição, crianças, jovens e idosos, são todos deste tempo. Por vezes ouvimos os mais velhos dizer: “ai no meu tempo, isto ou aquilo...”. Nada mais errado. O tempo atual, também é o tempo deles e não só o tempo dos seus filhos ou dos seus netos. Considerar o contrário é apenas juntar mais um estereótipo aos muitos estereótipos que já recaem sobre os idosos. Neste sentido, desde que as condições cognitivas o permitam, e na maioria dos idosos permitem, estes devem fazer um esforço, interessar-se pelo menos, em aprender a funcionar com as novas formas de comunicação disponíveis e amplamente usadas pelos seus filhos e netos. Afinal têm muito tempo para fazer essa aprendizagem. Mas as crianças e jovens também têm de ser educados (pais e escola sobretudo) para a necessidade de não ficarem restritos a comunicação intrageracional com os seus pares, fazendo uso das formas de comunicações, códigos e mensagens quase tribais, por si usadas. Sim, podem ter largas centenas de “amigos” no facebook, passar horas no messenger, trocar dezenas de sms com conhecidos e amigos redigidos com códigos próprios muitas vezes imperceptíveis fora do seu espaço tribal, mas também devem aprender a redigir e manuscruver (já quase é estranha esta palavra), uma carta, um postal de aniversário, o que seja. Também devem aprender a deixar o computador quando estão às refeições e que não devem deixar uma conversa interpessoal face-a-face para atender o telemóvel ou ler uma simples sms. Já agora, a talhe de foice, se aprenderem isto, seguramente depois, mais tarde, não vão ser apanhados a conduzir e a falar ao telemóvel simultaneamente. É tudo uma questão de valores, de respeito pelos princípios básicos da vida em sociedade.

A comunicação entre as gerações assume grande importância. As trocas de interações entre as gerações fortalecem o relacionamento, promovem a troca de ideias e conhecimentos entre as diferentes faixas etárias favorecendo a formação e a consolidação de vínculos sociais, que permitem além da troca de experiências de vida a partilha de

ideias, atitudes, crenças, hábitos, culturas, oportunidades, novos caminhos, crescimento culminando na evolução da humanidade.

Considerações finais

Nesta breve abordagem às questões da comunicação e da comunicação intergeracional, de modo algum exaustiva, tentei centrar a minha atenção naquilo que de facto, todos podemos fazer, sem grande esforço ou meios, para a melhorar.

A comunicação atual já não poderá ser igual à tradicional (que às vezes nos deixa saudades), pois nada volta para trás em termos societários. A tradição já não é o que era, ouve-se dizer. Obviamente que não. De facto, a tradição nunca foi o que foi, a tradição é construída e reconstruída todos os dias na interacção social entre as pessoas e na interação entre estas e os contextos de vida a que estão sujeitos. A comunicação não escapa a esta regra.

Importa, pois, recriar, inspirarmo-nos nos valores essenciais da vida em sociedade e em família e adaptá-los cuidadosamente aos desafios da pós-modernidade. A tarefa não será fácil, mas os benefícios serão muitos. Nesse sentido, torna-se imperativo a construção de laços significativos e de reciprocidade entre as faixas etárias criando momentos de convivência e desconstrução de estereótipos relacionados ao processo do envelhecimento. Por isso, mãos à obra, pois, se bem perceberam, todos temos a nossa quota parte a cumprir.

Referências

- Beck, Ulrich; Giddens, Anthony e Lash, Scott. (2000). Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno. 1a Edição. Celta. Oeiras.
- Blumer, Herbert. (1982). El Interaccionismo Simbólico: Perspectiva y Método. Colección Psicología Social y Sociología. Hora, S.A. Barcelona.

- Bauman, Z. (1999). *Modernidade líquida* (J. Zahar (ed.)). Zahar.
- Galvão, A., & Gomes, M. (2021). O processo de envelhecimento gratificante: Felicidade e afetividade. Em J. Pinheiro, *Olhares sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares* (Vol. I, 159-168).
- Giddens, Anthony (2001). *Modernidade e Identidade Pessoal*. 2a Edição/1a Reimpressão. Celta Editora. Oeiras.
- Phaneuf, Margot. (s/d). *Le concept d'humanité: une application aux soins infirmiers généraux*. www.infiressources.ca/fer/depotdocuments/Le_concept_d_humanite_application_aux_soins_infirmiers_generaux.pdf. Consultado em 15 de Março de 2010.